

“CEDE-SE COM AS PALAVRAS PARA LOGO CEDER COM AS COISAS”: OBSERVAÇÕES FREUDIANAS SOBRE ALGUNS MAL-ENTENDIDOS EM TORNO DO AUTISMO

Luis Achilles Rodrigues Furtado

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará, professor de psicopatologia e psicanálise do curso de Psicologia da UFC – Campus de Sobral –, professor do curso de mestrado em Saúde da Família da UFC – Campus de Sobral –, bolsista de produtividade da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Funcap –, membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, EPFCL – Brasil.

Email: luis_achilles@yahoo.com.br / luis_achilles@ufc.br

Resumo: O presente artigo aborda dois mal-entendidos em torno da questão do autismo, desde a formulação desse neologismo por Bleuler e da descrição da categoria por Leo Kanner. Após uma leitura dos comentários de Freud sobre a teoria da libido, aborda a questão da culpabilização da psicanálise, convocando, por fim, os psicanalistas a retomar seus conceitos fundamentais salientando que, longe de ser uma prática inócua com autistas, é necessária por sua ética, consonante à multiplicidade das manifestações autísticas.

Palavras-chave: autismo; psicanálise; libido.

Abstract: This article addresses two misunderstandings regarding the issue of autism, by means of the coining of this neologism by Bleuler and the category description by Leo Kanner. After a reading of Freud's comments on the libido theory, it addresses the issue of culpability of psychoanalysis, finally calling psychoanalysts to resume their crucial concepts highlighting that, far from being a harmless practice towards autistic people, it is required due to its ethics, in line with the multiplicity of autistic manifestations.

Keywords: autism; psychoanalysis; libido.

Há setenta anos, o mundo testemunhava a publicação do artigo de Leo Kanner que formalizava a categoria clínica que se tornou o paradigma da psicopatologia infantil: o autismo. O qualificativo de infantil, por se referir à precocidade do aparecimento de suas manifestações, convoca clínicos, educadores e teóricos a repensarem os fundamentos de suas abordagens, repetindo sempre argumentos e atuações limites.

Quando não se referem a situações limítrofes quanto à questão da constituição subjetiva (e, portanto, humana), vários dos que se dedicam a esse trabalho são obrigados a dialogarem com outras áreas de atuação e conhecimento ou mesmo encontram situações onde o seu próprio limite é colocado em jogo, por se tratar de uma experiência que implica o horror do encontro com o real.

O desenrolar da história dessa categoria clínica e os desafios que ela apresenta nos permitem, com um pouco de audácia, questionar se o autismo não cumpre nos dias de hoje uma função semelhante ao papel que a histeria teve no fim do século XIX, no qual o fracasso do saber médico teve como resultado o surgimento da ruptura epistemológica causada pela psicanálise. Assim, o autismo teria uma função política na atualidade de questionar o saber (científico e, desta vez também, o psicanalítico), mas questiona de forma diferente da histeria. Se a histeria mostrou para a humanidade que sua anatomia passa pela lógica do significante e que o corpo humano é marcado pela linguagem, o autismo coloca em xeque essa mesma normatividade: a do ser falante.

Atreladas ao furo no saber propiciado pelo real da clínica do autismo, percebemos a repetição da forclusão do sujeito por parte do discurso científico contemporâneo, a mistificação de perguntas mal-elaboradas com finalidades de sustentação ideológica de práticas e instituições que perpetuam a exclusão do sujeito, mesmo que sustentem a retórica do respeito às diferenças, especialmente o movimento da neurodiversidade (FURTADO, 2013). Em outros termos mais diretos: a associação da ciência com o discurso capitalista e sua ideologia.

Um problema se coloca de saída: como respeitar as diferenças diante de uma categorização diagnóstica fluida, sustentada por hipóteses (hipertrofiadas) genéticas e estatísticas? Para ilustrarmos essa situação basta considerarmos que Kanner acreditava que a prevalência de autismo era de 4 a 5 pessoas a cada 10 mil, depois, passou-se para 1 a cada 1000 e nas últimas pesquisas epidemiológicas americanas surge a proporção de 1 a cada 150 pessoas! (HOCHMANN, 2009).

Sabemos, desde Freud (1921a/1986), em seu texto “*Psicología de las masas y análisis del yo*”, que a lógica da identificação a um traço tem como resultado, justamente, o apagamento das diferenças entre os indivíduos. Lacan (1968-1969/2008), por sua vez, utilizando a lógica de Frege sobre os números naturais, aponta isso como fenômeno estrutural, próprio da lógica do significante, no ato mesmo da nomeação. Esse argumento estrutural, apontado pela psicanálise, ganha ainda maior notabilidade quando consideramos a enorme dificuldade de agrupamento das mais variadas

manifestações sob uma mesma categoria como a do autismo. Daí as subsequentes oposições e controvérsias diagnósticas: autismo \times psicose, síndrome de Kanner \times síndrome de Asperger; transtorno invasivo do desenvolvimento \times psicose. Esquece-se que, além da questão clínica original desde Bleuler, é o próprio ato da classificação que instaura o problema. A confusão decorrente da identificação do sujeito com a classificação diagnóstica denuncia um problema que não atinge apenas autistas.

Existem outros mal-entendidos que desejamos abordar no presente texto.

O mal-entendido de Bleuler sobre a libido e a discordância de Freud com o termo “autismo”

Começemos com a própria invenção do termo e não da categoria. O neologismo criado por Bleuler (autismo), derivado de outro neologismo (autoerotismo), surgiu não sem o protesto e a influência de Freud. Trata-se, como já é sabido há vários anos, de uma denegação da teoria da sexualidade de Freud. Este, por sua vez, deixou muito claro, em várias passagens de sua obra sua discordância com o termo que designava uma característica fundamental da esquizofrenia. A discordância de Freud (1921a/1986; 1921b/1986) era tão explícita que, além de dizer que a escolha do termo “autismo” era infeliz, na maioria das vezes em que se referia à clínica da parafrenia, complementava como expressões como “a esquizofrenia de Bleuler”. Fazia questão de atribuir a autoria do termo a quem realmente era o responsável.

Interessante é perceber que, no mesmo texto em que Freud (1921a/1986, p. 87) inicia afirmando que prefere a expressão “narcisista” ao termo bleuleriano “autista”, ele adverte quanto à importância da sua teoria da libido e afirma que “cede-se primeiro com as palavras e, depois, pouco a pouco, com a coisa mesma”.

Examinemos com mais cuidado suas argumentações e, por isso, pedimos um pouco de paciência para seguirmos o texto de Freud de forma minuciosa durante alguns parágrafos.

É com o objetivo de abordar a psicologia das massas que o autor recorre a seu conceito de libido. Afirma que essa expressão foi retirada da doutrina da afetividade e que se refere à energia enquanto magnitude quantitativa das pulsões que têm a ver com tudo o que se pode ser abrangido pela palavra “amor”. Para Freud, o núcleo do que se chama amor constitui o que também está em jogo no “amor” que designa a união sexual. Entretanto, essa compreensão nuclear do amor, implicada no termo libido, não separa

do sentido que remete à sexualidade o uso do termo amor, quando referente às relações amorosas entre pais e filhos, do amor por si mesmo (narcisismo), a amizade, o amor pela humanidade, o apego a objetos e a ideias abstratas. O que permite o uso comum de um mesmo termo para relações com alteridades de naturezas tão díspares é a descoberta psicanalítica de que todas essas formas de relação (seja com outras pessoas, com objetos ou ideias) são expressões das mesmas moções pulsionais que entram em ação na situação da busca pela união sexual. Entretanto, em outras situações, essas moções pulsionais são obrigadas a se afastarem da meta sexual ou são impedidas de serem levadas a cabo. Apesar desse destino dado a esses impulsos, Freud insiste que eles guardam sua natureza original e seus traços de identidade que podem ser sublinhados. Freud os exemplifica: sacrifício de si e a busca de aproximação (ibid., p. 86).

O autor continua suas importantes argumentações:

Por isso acreditamos que na palavra “amor”, com suas *múltiplas acepções*, a linguagem criou uma síntese inteiramente justificada, e não podemos fazer nada melhor que toma-la também como base de nossas elucidações e exposições científicas. Quando se decidiu fazê-lo, a psicanálise desencadeou uma *tempestade de indignação como se fosse culpada* por uma tresloucada novidade. Mas sua concepção “ampliada” do amor não é uma criação nova. Em sua origem, sua operação e seu vínculo com a vida sexual, o “Eros” do filósofo Platão coincide perfeitamente com a força amorosa, a libido da psicanálise, segundo expuseram em detalhes Nachmansohn (1915) e Pfister (1921); e quando o apóstolo Paulo, em sua famosa carta aos Coríntios, apreciava o amor sobre todos os demais, o entendia, sem dúvida, neste mesmo sentido “ampliado”, o que nos ensina que os homens nem sempre levam a sério seus grandes pensadores, ainda que digam que os admiram muito. (Ibid., pp. 86-87; grifos nossos)

Freud continua sua argumentação dizendo que a psicanálise preferiu chamar as pulsões amorosas de sexuais graças à sua *origem* e esta escolha teve como resposta uma acusação de pansexualismo. Afirma que aqueles que, por vergonha e pudor, preferirem utilizar termos mais suaves como “Eros” e “erotismo” podem fazê-lo. Contudo, ele mesmo, Freud, não deseja fazer concessões à covardia, pois ceder com as palavras pode levar a um caminho desconhecido que acaba por ceder com as coisas.

Façamos algumas observações sobre essas passagens para que possamos lançar alguma luz nas discussões que giram em torno do autismo.

Podemos dizer, de imediato, que essa discussão de Freud em torno dos termos “amor” e “libido”, referem-se à natureza polissêmica do significante. Diante da possibilidade do equívoco próprio à linguagem, Freud se defende evitando os efeitos do

recalque sobre o que ele acredita estar, de fato, nos fundamentos das coisas do amor. Equivocar a libido com o termo amor pode implicar no apagamento do sentido sexual que aí está jacente e que até mesmo na Bíblia podemos constatar presente. Não deixa de passar despercebido que Freud faz referência a um trabalho de Oskar Pfister (1873-1956), amigo psicanalista, que era pastor em Zurique (ROUDINESCO e PLON, 1998).

A libido, dizendo respeito ao fator quantitativo – e, portanto, econômico – da vida pulsional, é o conceito responsável por sustentar sua articulação entre corpo e psiquismo, resolvendo o dualismo corpo-mente, inaugurado por Descartes e que, atualmente, é tão atribuída à psicanálise por parte de vários de seus opositores, normalmente de orientação cognitivo-comportamental ou analítico-comportamental. Trata-se, numa mesma operação, de resguardar um mal-entendido que até hoje se perpetua travestido em críticas epistemológico-clínicas atreladas ao capitalismo científico contemporâneo.

Quando Freud coloca sob a mesma batuta libidinal as relações do sujeito com os objetos, com as outras pessoas ou com ideias, algo essencial se apresenta a nossa reflexão: não se pode fazer uma equivalência de sentido entre libido e autoerotismo, o que se diferencia é o destino pulsional. A libido é o órgão em jogo (LACAN, 1964a/1985; 1964b/1998), autoerotismo é o estado, comportamento, desse órgão.

Numa carta a Jung que data de 23 de maio de 1907 (FREUD, 1907/1976, p. 87), Freud declara enfaticamente que, por definição, a libido não é autoerótica. Essa afirmação é reforçada quando, nos “Tres ensayos de teoría sexual”, Freud (1905/1986, p. 202) faz a precisão de que, no momento em que a satisfação sexual estava vinculada à nutrição, a pulsão sexual tinha um objeto fora do corpo. Por isso, todo encontro posterior com o objeto é um reencontro, pois o investimento autoerótico é posterior à perda desse contato primário, onde o seio toma a forma privilegiada do objeto e a mãe surge como a alteridade (“forma global posteriormente formada”) que apresenta, de fora, esse objeto.

Com isso, evita-se o engano de supor que existe uma espécie de inércia da libido que nunca saiu do corpo próprio. O autoerotismo, se seguirmos o autor, é o estado de investimento libidinal no próprio corpo, *secundário*, em relação à perda do objeto, externo ao sujeito. O que caracterizaria o narcisismo secundário é um investimento no Eu, que tem sua relação com o corpo, mas não é exatamente a mesma coisa.

Disso se tira uma observação importante no que tange ao autismo. Se esses sujeitos, mesmo que não consigamos ouvir seu apelo, estão vivos e mantêm relações com

objetos do mundo e com as palavras, como admitir a hipótese de que não há Outro e que se trata de algo primário? Trata-se de algo que não saiu da casca, de algo que não se “des-envolveu”? Deve-se lembrar que “primário” não é sinônimo de “precoce”. O autoerotismo funda-se, portanto, a partir de um *béteros*. Não se trata de algo “psiquicamente negativo”, segundo poderia pensar Bleuler (FREUD, 1907/1976, p. 89), mas de um estado no qual a partir da separação com o objeto o sujeito descobre em seu corpo um substituto para a satisfação. Basta lembrarmos, por sua vez, o comentário de Lacan (1964a/1985) no seminário *Os quatro conceitos Fundamentais da Psicanálise*, quando diz que não há nada que a experiência nos prova mais do que o fato de que as crianças estão muito atentas ao que lhes cerca.

Acreditamos que o mesmo se aplica aos ditos autistas, se consideramos, por exemplo, o que se apresenta como tendência à rotina, formas de apagamento do rastro do Outro (SOLER, 2007).

A discussão, quando falamos de autismo, pode se tornar mais árdua quando consideramos os traços que Freud exemplifica para sustentar a base sexual que está presente no amor. O sacrifício de si (abnegação) e a busca de aproximação. Ao que parece, ali onde em outros casos haveria uma perda de gozo dinamizante ao psiquismo necessária à busca do Outro e criação do laço social, há uma recusa. Todavia, essa recusa é, em si, a prova da presença desse Outro e sua exterioridade sentida como invasão, como estranha. É como dialética que consideramos essa relação. Afinal, trata-se de saber onde esses sujeitos ouviram aquilo que os tornam tão verbosos (LACAN, 1975/1991). Pensar na posição de puro objeto ou inexistência do Outro não condiz com a recusa ativa do autista, mas com uma suposta completa apatia. Longe de qualquer personalismo, reconhecemos o efeito sujeito do autismo pelo fato de que sua recusa nos mostra que eles escutam e se defendem da invasão e do preço pago pela palavra. Ademais, como nos diz Soler (2007), é por serem falados pelo Outro e porque falamos deles que podem ser considerados como sujeitos. Há uma passagem no texto de Lacan (1964b/1998, p. 854; destaque nosso) que reforça nossa opinião: “Produzindo-se o significante no lugar do Outro ainda não discernido, ele faz surgir ali o sujeito do ser que ainda não possui fala, mas ao preço de cristalizá-lo”.

A culpabilização por parte de Kanner e outras considerações

Qual um resultado possível da afirmação que não haveria libido no autismo e que eles estariam situados numa posição de puro real, de dejetos para o Outro parental? Podemos realmente dizer que existe um caso assim? Acreditamos que as consequências reforçam ainda mais os argumentos de que os psicanalistas culpabilizam os familiares e reduzem esses sujeitos a posições monstruosas, para utilizarmos um termo trabalhado por Michel Foucault (1974-1975/2001).

Interessante é encontrar o termo “culpabilização” no parágrafo seguinte ao que comentamos no texto de Freud. Reconhecer as bases da vida sexual adulta na infância e, desse modo, ampliar a vida amorosa às experiências constitucionais implica no reconhecimento do caráter repetitivo do amor, bem como sua função de ignorância quanto ao desejo. O sexual, recalcado nas “múltiplas acepções” do amor – leia-se, elidido na polissemia da linguagem –, volta à cena como uma retificação subjetiva que responsabiliza todos por suas relações libidinais e relações com o Outro.

Lembremos que o tema da culpa dos pais dos autistas, mal-atribuída aos psicanalistas, surgiu com o próprio Leo Kanner (1943/1997, p. 170) no artigo fundador em 1943: “Um outro fato se sobressai marcadamente. Em todo o grupo, raros são os pais e mães realmente calorosos. (...) Mesmo nos casamentos mais felizes permanecem relações mais frias e formais”.

Irônico, também, é lembrar que a culpa de Kanner (1974) pela questão que levantou fica clara na denegação explícita no próprio título de um manual para utilização das mães na educação de seus filhos: *En defensa de las madres: como criar hijos a pesar de los más “fervientes” psicólogos*.

Para reforçar o argumento de que a acusação de culpabilização dos pais é de autoria do próprio Leo Kanner e data da própria “criação” da categoria clínica, sentimo-nos na obrigação de citar mais um trecho de autoria do “inventor” do autismo. O trecho que se segue pode ser encontrado no volumoso e histórico tratado *Psiquiatria Infantil* (KANNER, 1971, p. 723; grifo nosso), no capítulo sobre a esquizofrenia, onde consta como tipo clínico o autismo infantil precoce ao lado da psicose infantil simbiótica. Citemo-lo quanto ao perfil de que trata os pais dos autistas estudados no artigo fundador: “(...) O que é indubitável é que havia muita obsessão nos antecedentes familiares. (...) *Em todo o grupo havia muito poucos pais realmente afetuosos. (...)* Inclusive os casamentos mais *felizes eram frios e formais*”.

Podemos entender que Leo Kanner sustentou esta opinião, considerando que esse volume sobre psiquiatria infantil, apesar de sua primeira edição datar da década de 1930, quarenta anos depois o texto se manteve. Como poderíamos entender, além da dimensão normativa, essa afirmação de Kanner senão uma ausência de investimento libidinal “satisfatório”, “saudável”?

É sabido por todos o grande esforço de Jacques Lacan, com seu ensino, para distanciar a psicanálise da apropriação de sua prática e teoria pelo adaptacionismo do *american way of life*.

Não considerar a dimensão libidinal na diversidade das manifestações humanas é, para Freud, um exílio dos sujeitos do traço de sua própria humanidade. Afirmar que em alguém não é possível encontrar a dimensão de *Eros*, do amor, da libido, é reduzir os sujeitos à condição de puro objeto, mesmo que esses objetos ou animais emitam sons e até mesmo palavras.

Observações finais

É, no mínimo, curioso constatar o destino que os dois mal-entendidos relacionados à origem do termo e da categoria do autismo tomou. Justamente numa época em que Lacan realizou seu ensino, seu retorno a Freud com a crítica da transformação da psicanálise numa psicologia do eu, adaptativa, normativa e cientificista, as distorções em torno do autismo foram se alastrando há algumas décadas e adquiriram as proporções de hoje.

Não mais encerrados nos consultórios, mas articulados com instituições hospitalares, educacionais e centros terapêuticos e universitários, os psicanalistas são convocados a falarem não mais entre si ou para si, com seu linguajar próprio. É óbvio que uma linguagem científica tem suas especificidades e termos que nem todos recebem da mesma maneira, apenas os iniciados naquela ciência específica. Entretanto, ao sermos convocados para sustentar a prática da psicanálise com pessoas autistas, pais, familiares e profissionais (que não deixam de sofrer com o que se lhes apresenta), somos obrigados a retomar as bases de nossa teoria, fundamentada numa experiência.

A suposição de um sujeito é a operação fundamental que permite a psicanálise surgir enquanto prática que considera o singular. Por que abrir mão de seus fundamentos numa tentativa de harmonia discursiva que sustente uma verdade absoluta sobre o autismo como uma categoria única? A multiplicidade das manifestações autísticas,

longe de tornarem a psicanálise inócua para essa realidade, a exige. A impossibilidade de universalização que a clínica do autismo apresenta, antes de impedir, torna necessária a ética própria à psicanálise, a ética do um a um.

O trabalho dos psicanalistas passa a ser dispensável na medida em que aderem à lógica do Um, de sua prática e sua verdade. A distância paraláctica entre o autismo de que trata a psicanálise e o transtorno invasivo do desenvolvimento dos tratados atuais demonstra que falamos de fenômenos por perspectivas diferentes e que, portanto, não podem ser comparados (FURTADO, 2013). Cabe a todos admitir a distância que existe entre essas perspectivas e o abandono do desejo de fazer uma universalização em torno dos sujeitos. A psicanálise é mais um desses saberes, necessária, mas não absoluta.

Por outro lado, a grande contribuição da psicanálise é a insistência ética de dar voz a esses indivíduos na medida que os supõe como verbosos, como sujeitos. Afinal, o que seriam eles se não fosse essa operação que os convoca à vida legitimamente humana? Sigamos a referência de Freud ao apóstolo São Paulo:

Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade [amor] sou como bronze que soa, ou como címbalo que tine. E ainda que eu tivesse o dom da profecia e conhecesse todos os mistérios e todas a ciência, e tivesse toda a fé, até o ponto de transportar montes, se não tivesse caridade [amor], não seria nada. (BÍBLIA SAGRADA, 1989, COR 13:1-2)

Referências

- BÍBLIA SAGRADA. Tradução Vulgata por Pe. Matos Soares. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.
- FOUCAULT, Michel (1974/1975). *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FREUD, Sigmund (1905). Tres ensayos de teoría sexual. In: STRACHEY, James. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Standard Edition. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1986, v. VII, p. 109-224.
- _____(1907). Carta de 23 de maio de 1907. In: MCGUIRE, William (org.). *Freud / Jung: correspondência completa*. Trad. Leonardo Fróes e Eudoro Augusto Macieira de Souza. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 87-89.
- _____(1921a). Psicología de las masas y análisis del yo. In: STRACHEY, James. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Standard Edition. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1986a, v. XVIII, p. 63-136.

- FREUD, Sigmund (1921b). Introdução a J. Varendonck, *The Psychology of Day-Dreams* (1921) In: STRACHEY, James. *Obras Completas de Sigmund Freud*. Standard Edition. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1986b, v. XVIII, p. 268-269.
- FURTADO, Luis Achilles Rodrigues. *Sua Majestade o autista: fascínio, intolerância e exclusão no mundo contemporâneo*. Curitiba: CRV, 2013.
- HOCHMANN, Jacques. *Histoire de l'autisme: de l'enfant sauvage aux trouble envahissants du développement*. Paris: Odile Jacob, 2009.
- KANNER, Leo (1943). Os distúrbios autísticos do contato afetivo. In: ROCHA, P. (org.). *Autismos*. São Paulo: Escuta, 1997, p. 111-170.
- . *Psiquiatria Infantil*. 2. ed. Buenos Aires, 1971.
- . *En defesa de las madres: como criar hijos a pesar de los más "feroces" psicólogos*. 2ed. Buenos Aires, 1974.
- LACAN, Jacques (1964a). *O seminário: livro 11: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. 2. ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- (1964b). Posição do inconsciente no Congresso de Bonneval (1960, retomado em 1964). In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 843-864.
- (1968-1969). *O seminário: livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- (1975). Conferencia en Genebra sobre el síntoma. In: LACAN, Jacques. *Intervenciones y Textos*. 2. ed. Buenos Aires: Manantial, 1991, p. 115-144. (Conferência proferida em 4 de outubro de 1975).
- ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.
- SOLER, Colette. *O inconsciente a céu aberto na psicose*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

Recebido em 20/8/2013; Aprovado em 25/9/2013.